

O neoliberalismo arruinou o mundo e o fascismo arruinou o neoliberalismo?

Caio Dayrell Santos

Jornalista e Comunicólogo graduado pela UFMG, mestrando em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Estuda práticas e estéticas de movimentos políticos contemporâneos na América Latina

Resenha de:

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politéia, 2019.

Em seus *Cursos* de 1978-1979 sobre o nascimento da biopolítica, Michel Foucault estuda os argumentos filosóficos e as preocupações históricas que inspiraram o projeto político e econômico neoliberal. Ele observa que uma das principais preocupações de seus idealizadores era conceber uma tecnologia de poder que, a sua própria maneira, serviria como alternativa aos regimes totalitários que marcaram a época. (COCCO, 2009). Apesar disso, décadas de hegemonia neoliberal não impediram a volta de uma subjetividade violenta e irracional, em muitos aspectos similar aos catastróficos fascismos dos anos 30. “O neoliberalismo produziu efeitos muito diferentes daqueles imaginados e visados por seus arquitetos” escreve Wendy Brown (2019, p. 26) em seu mais recente livro *Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*, lançado em português pela editora Politeia. O título não só remete à sensação de decadência cada vez mais presente no imaginário popular, ele também sugere que estaríamos vivendo nas ruínas do republicanismo moderno, mas que o próprio neoliberalismo, teria arruinado a si próprio, produzindo um monstruoso filho bastardo encabeçado por figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro. “Por que o ‘destronamento da política’ neoliberal saiu tão fragorosamente dos trilhos? O que ele deixou de considerar ou levar em conta, ou o que o envenenou por fora?” (BROWN, 2019, p. 102-103).

Em seu trabalho anterior, *Undoing the Demos: neoliberalism's stealth revolution*¹, Wendy Brown se debruçava e atualizava a análise do neoliberalismo feita por Foucault em *O Nascimento da Biopolítica*. Ao sistematizar de forma didática os argumentos de Foucault, ela contextualiza historicamente sua perspectiva e aponta sua singular perspicácia, porém sem deixar de indicar algumas carências. Brown enfatiza que o neoliberalismo não é um mero retorno ao liberalismo clássico, mas se aproxima muito mais de um projeto imperialista: longe de apenas diminuir a competência do Estado em prol de iniciativas privadas, ele é definido por uma ambição de “economicizar” domínios até então não econômicos. Sob processos difusos organizados a partir de um ethos financeiro, referido como a “razão neoliberal”, toda a dimensão da vida humana se tornaria subjugada à lógica do mercado, que impõe valores, práticas e métricas a virtualmente todas as relações sociais (BROWN, 2015). O principal mérito dessa abordagem é oferecer uma conceituação teórica do neoliberalismo capaz de apreender suas variações em diferentes países e épocas, assim como suas sutis manifestações em

¹ Literalmente traduzido seria *Desfazendo o Demos: a furtiva revolução do neoliberalismo*.

diversas esferas do cotidiano. Brown, no entanto, indaga se essa pretensão economicizante não confrontaria com os princípios que regem e inspiram a democracia, tema ao qual Foucault nunca deu a merecida atenção. A partir do momento em que a ação, tanto de indivíduos quanto de governos, se adequa aos caprichos do mercado, o que resta das vocações próprias da política, como deliberação, reflexão moral e julgamento do bem comum? Para Brown, o ethos político perderia cada vez mais espaço, culminando em uma *desdemocratização*. Isso não significa que o neoliberalismo fabrique regimes ditatoriais; as instituições da democracia liberal seguem existindo, porém são cada vez mais esvaziadas, tornando-se impotentes para realizar as funções para as quais foram concebidas, como servir de espaço de mediação de conflitos e garantir a segurança e integridade de seus cidadãos. Como observaram Dardot e Laval (2016), em última instância essa desdemocratização se manifestaria pela suspensão da lei, culminando em um estado de exceção permanente nos moldes propostos por Giorgio Agamben (2004).

Brown desenhava uma sociedade friamente amoral, indiferente a qualquer norma ou ideal a não ser a valorização de seu próprio capital; entretanto, o que emergiu não foram tecnocratas sem princípios, mas sim boçais obscenos e turbas raivosas que priorizam honrar preconceitos em detrimento de “imperativos econômicos” até então tidos como incontestáveis. A título de exemplo, o que chocava no episódio da saída do Reino Unido da União Europeia era que, pela primeira vez na história recente, o governo britânico tomava uma importante decisão política com fortes impactos em sua economia sem considerar qualquer avaliação econômica (HAY, 2018). A xenofobia prevaleceu sobre o equilíbrio financeiro. Se havia alguma dúvida sobre o perigo desse desdém por orientações técnicas, a pandemia de 2020 a eliminou: na data de submissão dessa resenha, os três países que acumulavam mais números de mortos por coronavírus são governados por demagogos que negaram a gravidade da crise sanitária apesar dos avisos de especialistas. Mesmo presidentes de direita, mas próximos do paradigma neoliberal, como é o caso de Sebastián Piñera no Chile, não tardaram em aplicar rigorosas quarentenas por meses assim como testagens em massa. A falta de bom senso parece ser mais mortal do que a avareza capitalista - afinal, para que a população consuma e trabalhe, ela deve permanecer minimamente viva. Mas, como chegamos até aqui? De onde vêm esse fanatismo cego? E como 40 anos de uma ideologia que tanto reforça um realismo austero produziram delírios suicidas?

Reconhecendo as insuficiências de *Undoing the Demos*, Brown investiga um aspecto da racionalidade neoliberal relativamente pouco desenvolvido: sua relação com o conservadorismo moral. Nas últimas décadas há Amoêdo, banqueiro e ex-candidato à presidência pelo partido Novo, resumiu muito bem esse paradoxo ao se identificar como “liberal na economia e conservador nos costumes”², ou seja, para ele o Estado não poderia regular o trabalho ou as empresas, mas deveria coibir a liberdade de indivíduos ou grupos a fim de garantir a sobrevivência de valores e tradições cristãs. Para Brown, não se trata de uma aliança de conveniência ou pura demagogia eleitoral. Em sua visão, o tradicionalismo é um dos alicerces do neoliberalismo.

Seguindo o exemplo de Foucault, ela lê e analisa os próprios teóricos neoliberais. Apesar de tratar dos ordoliberais da Escola de Friburgo e do fundador da Escola de Chicago, Milton Friedman, sua atenção se detém especialmente no autor de cabeceira de Thatcher, Friedrich Hayek, cujos escritos assombram as *Ruínas*. Cético da capacidade de qualquer sujeito ou grupo organizar um mundo infinitamente complexo, Hayek descarta a deliberação como um mecanismo de planificar o comum. Sua aposta está na reafirmação de arranjos que emergem organicamente com o tempo a partir da ação e cooperação dos indivíduos. Para Hayek, essas “ordens espontâneas” seriam não coercitivas, emergindo sem seguir qualquer decisão política ou transcendência divina e se materializando na tradição moral e no mercado.

Já deve ter ficado claro que a antipatia de Hayek pela social-democracia ou pelo socialismo não deriva unicamente de seu apreço pelo mercado, um apreço que é ubíquo na história do liberalismo. E tampouco deriva de seu medo do poder estatal expansivo [...] Para Hayek, o maior erro da social-democracia jaz em sua tentativa de substituir uma ordem espontânea evoluída historicamente, suportada pela tradição e instalada no costume, por projetos racionais mestres para a sociedade. Esse é o erro que denota incompreensão quanto à natureza dos seres humanos, da história, da mudança e da cooperação social, para não mencionar a justiça e a liberdade. O neoliberalismo combate essa apreensão equivocada por meio da afirmação da ordem enraizada na tradição e na liberdade; ele trava essa briga por meio de um *ethos* e de uma prática desregulatória de longo alcance e por meio da demonização dos esquemas de justiça estatal, do fortalecimento da tradição contra tais esquemas e da oposição à própria ideia de soberania popular (BROWN, 2019, p. 131-132).

Com o objetivo de respeitar a “conformidade voluntária” da tradição e do mercado, os neoliberais abertamente se opõem à democracia. Brown que, por detrás

² Disponível em < <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,joao-amoedo-se-diz-liberal-na-economia-mas-conservador-nos-costumes,70002318886> >, acesso 22/07/2020.

dos mantras do estado mínimo, a intervenção governamental não é de todo refutada. Para alguém como Hayek, abusos e arbitrariedades não seriam necessariamente ruins desde que o estadista permanecesse fiel à liberdade mercantil e aos costumes morais. Um “autoritarismo liberal” seria, portanto, preferível que uma “democracia totalitária” que atuasse contra essas ordens supostamente espontâneas. O resultado disso, aponta Brown, não é apenas que neoliberais toleram ditaduras desde que sigam suas políticas econômicas, como teria acontecido com o regime de Pinochet no Chile, mas também adotam uma compreensão própria da liberdade, como algo separado das noções de democracia, de sociedade e do cuidado com o outro. Na mente de Hayek, a tradição seria um princípio integrador que funda a liberdade individual. O mercado e a moral são projetados então como pactos não planejados, independentes de qualquer regra formal ou interesse político, que regulariam as relações interpessoais sem assim violentar os indivíduos. No entanto, o que aconteceu de fato é bem distinto do que ele imaginava.

“Os valores tradicionais, ao invés de integrar a vida social e ordenar a conduta de modo espontâneo, são politizados, transformados em tática e comercializados”, escreve Brown (2019, p. 144-145). “A moralidade, nesta forma, causa um curto-circuito na tradição e, ademais, é desatrelada da autoridade natural que Hayek imaginava para ela com seu avanço por meio de discursos e instrumentos libertários.” (Idem). O que o neoliberalismo fez na prática é o que Brown conceitua, referenciando Nietzsche, como niilismo. Para ela, a razão neoliberal desprende valores estruturantes de seus fundamentos, ou seja, a liberdade deixa de implicar qualquer forma de emancipação ou autonomia, assim como a tradição se afasta do respeito a uma ética coletiva. Os próprios valores assim se desvalorizam, porém sem desaparecer completamente; seguem existindo, mas são de tal maneira banalizados que perdem sua alçada como ideais orientadores da política. Longe da âncora social que Hayek vislumbrava, a tradição é reduzida a significantes vazios a serem usados descompromissadamente em *slogans* e gritos de guerra. É esse niilismo que permitiria, por exemplo, o endosso cínico de lideranças religiosas a devassos, que casaram e divorciaram múltiplas vezes, em nome da defesa da família. Sua própria fé se torna frívola, descolada de qualquer doutrina ou disciplina, para

se tornar uma manobra sofisticada, apenas um instrumento a ser empregado - e descartado quando conveniente - nas “guerras culturais”³ contemporâneas.

Brown não pretende insinuar que a economicização neoliberal explica sozinha a extrema direita de hoje, porém, ao “tornar a venda da alma algo cotidiano, e não um escândalo” (2019, p. 200), os neoliberais acidentalmente teriam inviabilizado um mínimo de sociabilidade necessário para viabilizar suas próprias políticas. Isso se torna particularmente problemático quando o rancor e a raiva parecem assumir o protagonismo na política. Seguindo uma leitura nietzschiana, Brown desenvolve a originalidade e perversidade do fenômeno contemporâneo a partir da revisão do conceito de ressentimento, um sentimento intrinsecamente associado ao niilismo desde a publicação de *A Genealogia da Moral*. Se para Nietzsche o ressentimento tradicionalmente emergiria como uma espécie de reprodução negativa de um mesmo sistema moral, sendo assim uma espécie de vingança dos dominados contra seus dominadores sem que propriamente se livrassem da estrutura que os escravizam⁴; Brown destaca que o ressentimento da direita de hoje é protagonizado por aqueles que historicamente sempre dominaram. Na medida em que a masculinidade e a branquitude deixam de resguardá-los contra as perdas e deslocamentos do capitalismo, os *angry white men* (KIMMEL, 2013) acusam e menosprezam os outros por seu suposto desprestígio.

Em Nietzsche, o niilismo é dotado de uma inerente ambivalência. Como explica Pelbart (2013), por um lado, ele leva à frustração com o mundo e à aversão pela existência, por outro, a desintegração de valores pode promover a criação de novos valores. Brown, no entanto, não parece conseguir ver uma saída para as mágoas destrutivas do homem branco. Os seguidores de Trump não parecem oferecer uma crítica produtiva às muitas deficiências e injustiças promovidas tanto pela democracia representativa quanto pelo capitalismo. Eles não estão interessados em uma alternativa a um sistema falho, mas sim em “uma política permanente de vingança” (BROWN, 2019, p. 217). Para eles, a incompetência, corrupção e má conduta dos extremistas eleitos não importam em nada. Os apoiam simplesmente por um prazer catártico em ver a represália de sua presumida

³ “Guerra Cultural” foi diagnosticada pela primeira vez pelo pesquisador James Hunter nos anos 90 e se referia a um processo em que a polarização política se deslocava de uma ênfase em como gerir a economia em direção ao posicionamento de temas polêmicos, como o direito dos homossexuais, a legalização do aborto, o controle de armas e a legalização das drogas.

⁴ Ironicamente, Brown (1993) utilizou anteriormente as noções de ressentimento em Nietzsche para criticar justamente os movimentos identitários que estão sendo perseguidos pelo extremismo contemporâneo.

“dor” corporificada em um chefe de estado abominável. Qualquer prejuízo que Trump e Bolsonaro oferecem à nação não é apenas absolvido, mas até incentivado:

Um político não branco ou mulher não poderia praticar uma dessas atitudes sem perder imediatamente o cargo - que é precisamente o ponto. A grosseria e o rompimento de regras por Trump, longe de estarem em desacordo com os valores tradicionais, consagram a supremacia branca masculina no seu âmago, cujo declínio é um incentivo crucial para o apoio a Trump (BROWN, 2019, p. 213 -214).

Por outro lado, nesse contexto, a própria hipótese de que esse ressentimento não seja apenas destrutivo, mas também possa ser produtivo parece levar a um cenário ainda mais tenebroso. A proposta que Brown vê sendo construída não é nada mais que a “supremacia agora como crua reivindicação de arrogação” (p. 220), isto é, um puro e simples desejo de dominar pelo bem de dominar. Caso o retorno das benesses do passado não possa ser entregue, esses homens e brancos indignados estariam dispostos a sacrificar tudo e todos. “Se os homens brancos não podem ser donos da democracia, então não haverá democracia nenhuma. Se homens brancos não podem dominar o planeta, então não haverá mais planeta”, coloca Brown (2019, p. 220).

Nietzsche especulava com curiosidade sobre o que viria após os séculos da desvalorização exponencial dos valores, porém chega a um ponto em que o niilismo intersecciona com a misantropia. “E se não houver um ‘depois’? E se a supremacia for o rosário segurado apertado à medida que a própria civilização branca parece estar acabada e leva consigo toda futuridade? E se for assim que tudo terminará?” (BROWN, 2019, p. 220). Esse tom apocalíptico sempre vai soar hiperbólico, o que diverge da sobriedade e do rigor metodológico que orientam todo o livro; porém, o ano de 2020 nos presenteou com uma verdadeira catástrofe global e foram justamente os machos com orgulho ferido que desobedeceram todas as recomendações de segurança e saúde pública. Tanto Bolsonaro quanto Trump se recusaram por meses a usar máscaras em público, uma das medidas mais básicas para conter a pandemia de coronavírus. No caso brasileiro, isso ocorreu mesmo após o próprio presidente confirmar ser portador e, como foi revelado pela jornalista Mônica Bergamo⁵, ele se justificou no âmbito privado afirmando que máscara “é coisa de viado”. Agarrando-se a uma masculinidade decadente que despreza qualquer zelo e cuidado com o outro, o presidente expõe a si próprio e aos demais a uma doença

⁵ Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml> >, acesso 26 jul. 2020.

mortal. Coerentemente, no mesmo mês, Bolsonaro vetou o uso obrigatório de máscara no comércio, em escolas e em igrejas⁶. A justificativa oficial foi que a imposição “incorre em possível violação de domicílio”. Se, por um lado, o ressentimento masculino e branco estimula mortes em um ritmo desenfreado, por outro, ele acaba sendo autorizado, em um nível retórico, pelo raciocínio neoliberal tornado senso comum.

Há, no entanto, que fazer algumas ressalvas aos argumentos de Brown. *Nas Ruínas do Neoliberalismo* se notabiliza por sua análise concisa do impulso antidemocrático da visão política do neoliberalismo clássico e, especialmente, da leitura hayekiana das tradições morais como fonte da ordem espontânea que promove a extensão da racionalidade do mercado (MEDOVOI, 2019). No entanto, há momentos em que o livro dá importância demais à própria doutrina econômica. Seu diagnóstico parece pressupor que um passado muito mais democrático que o atual poderia ter sido conservado se Hayek e seus colegas não escrevessem o que escreveram. Da mesma maneira, ela não elucidava quando, como e por que o ressentimento dos homens brancos se desenvolveu de maneira tão tosca. Seria um revide às conquistas das lutas dos movimentos negros, feministas e LGBT? Ou seria porque o neoliberalismo finalmente atingiu um grupo que até então estava relativamente protegido de seus efeitos?

Essas dúvidas não significam que o livro desconsidera o papel e a força de movimentos de resistência nesse horizonte pavoroso. Wendy Brown tende a se deter em uma abordagem descritiva, não se propondo a dar orientações desde a academia de como prosseguir com a luta. Sua façanha está em mostrar de forma acessível e convincente como a subjetividade fascista emergiu, cresceu e elegeu seus candidatos. O que fazer frente a essa ameaça é deixado em aberto, não propriamente como um silêncio reticente, mas como um desafio para as novas esquerdas.

⁶ Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/03/bolsonaro-veta-uso-obrigatorio-de-mascara-no-comercio-em-escolas-e-em-igrejas> >, acesso 26 jul. 2020.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. trad. de Iraci D. Poleti. - 2. ed. - São Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sítio).
- BROWN, Wendy. *Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution*. New York: Zone Books, 2015.
- _____. Revisando Foucault: homo politicus e homo oeconomicus / terceiro capítulo de Undoing the Demos. *DoisPontos*, [s.l.], v. 14, n. 1, p.265-288, nov. 2017. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v14i1.48108>.
- _____. Wounded Attachments. *Political Theory*, v. 21, nº 3, pp 390–410., Aug. 1993. Disponível em: www.jstor.org/stable/191795 , acesso 25 Jul. 2020.
- COCCO, Giuseppe. *MundoBraz : devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. *A Nova Razão de Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016. [Não Paginado].
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1978-1979].
- KIMMEL, Michel. *Angry White Men: American masculinity in the end of an era*. New York: Nation Books, 2013.
- HAY, Collin. Brexit and the (Multiple) Paradoxes of Neoliberalism In: DESTABILIZING ORDERS - UNDERSTANDING THE CONSEQUENCES OF NEOLIBERALISM: MAXPO FIFTH-ANNIVERSARY CONFERENCE. 18/1, 2018, Paris. *Proceedings*. Paris, Max Planck Sciences Po Center on Coping with Instability in Market Societies, 2018, p. 15 - p. 21.
- MEDOVOI, Leerom. On Wendy Brown's In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West. *Social Text Online*, New Haven. Disponível em: < <https://socialtextjournal.org/on-wendy-browns-in-the-ruins-of-neoliberalism-the-rise-of-antidemocratic-politics-in-the-west/> >, acesso 28 de jul. 2020.
- PELBART, Peter Pál. Travessias do Niilismo IN: PELBART, Peter Pál. *O Averso do Niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013. p. 101 -124.